

A LÍNGUA PORTUGUESA: AUTONOMIA, DOMÍNIO TERRITORIAL E CULTURAL

META

Apresentar o contexto histórico e as características das relações entre o galego e o português.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá distinguir as situações históricas que determinaram a cisão entre o galego e o português durante o processo de expansão do condado portugalense em direção ao sul do território peninsular; reconhecer os contatos lingüísticos que o português vai manter com os falares moçárabicos durante a reconquista cristã; e identificar as principais características do português como língua autônoma em relação ao galego, a partir dos primeiros testemunhos escritos.

PRÉ-REQUISITO

Conhecimento sobre a reconquista cristã da Península e a constituição do reino português.



Na aula anterior, acompanhamos a trajetória histórica que resultou na formação do reino português. No entanto, D. Afonso Henriques e seus sucessores prosseguiram na luta contra os mouros, que se estende até a conquista definitiva da região do **Algarve**, por volta de 1250 (século XIII), definindo, inclusive, os limites atuais do território português.

INTRODUÇÃO

Então, ao descer (direção norte-sul do território português), entrou o galego-português em contato com os falares do sul, do que resultou numa média a que se pode dar o nome de “português comum”, ou simplesmente português. A esse respeito escreve o professor Serafim da Silva Neto:

Os fatos históricos, transportando o eixo político para o sul, para Lisboa, fizeram com que se elaborasse uma língua comum que foi pouco a pouco depurando os dialetismo do grupo galego-interamense.

Até o século XIV, a língua falada em todo o território de Portugal foi o galego-português, portanto, esse grupo lingüístico se mantém por três séculos, mas somente a partir do século XIII é que aparecerão os seus primeiros textos escritos. Isto não significa que já não houvesse, antes, material escrito nessa língua, mas que nos falta documentação.

Algarve

Província meridional (Sul) de Portugal. A sua capital é a cidade de Faro. No passado, foi o antigo reino dos mouros, depois expulsos por D. Afonso III, no século XIII. O Algarve, cujo nome remete, na sua origem, à expressão muçulmana “al-garb al-Andalus”, que significava “o potente”, correspondia a uma extensa faixa de Portugal muçulmano e acha-se estreitamente ligado à história dos grandes descobrimentos portugueses, uma vez que foi aí que D. Afonso Henriques fundou, em Sagres, a primeira escola de navegação.



D. Afonso III (Fonte: <http://revelarlx.cm-lisboa.pt>).

Ao se expandir para a região sul do atual território português, algumas adaptações ocorreram no português do Norte (original), por força dos contatos lingüísticos com falares diversos situados na trilha da expansão do reino. Por isso, há uma espécie de mesclagem com falares do Sul do rio Tejo, que pode ser, assim, demonstrada: a) passagem da pronúncia /tx/ ~ /txave/ à pronúncia /x/ ~ /xave/, isto é, chave pronunciada /xave/; b) convergência das finais /õ/, /ã/, /ão/, /õe/ numa única forma /ãõ/; c) unificação no mesmo **fonema** dos sons representados pelas **letras** /ç/ e /s/, de um lado, e /s/ e /z/, de outro, que as populações do Norte já conheciam e distinguiam.

Vários são os estudiosos e historiadores da Língua Portuguesa, entre eles, os professores José Leite de Vasconcelos, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Antenor Nascentes, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Ivo Castro, a afirmarem que datam do século XIII os primeiros documentos que chegaram até nós integralmente redigidos em **galego-português**. A partir daí, inicia-se a fase propriamente histórica da nossa língua. No entanto, como entidade dotada de vitalidade, dinamicidade, não se mantém uniforme nem no espaço, nem no tempo.

É com base na conhecida periodização proposta pelo professor português José Leite de Vasconcelos que vamos distinguir cinco etapas de evolução do latim ao português atual, isto não significa que outros autores não tenham apresentado outras propostas de semelhante precisão e pertinência histórica.

Nesta perspectiva, temos:

- a) a fase do latim hispânico – modalidade falada na Lusitânia, desde a implantação do latim na Península Ibérica até o século V;
- b) o romance lusitânico – língua falada na Lusitânia do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não temos nenhum documento escrito;
- c) português proto-histórico – língua falada do século IX até fins do século XII, e da qual podemos vislumbrar algumas características

GALEGO-PORTUGUÊS

Fonema

Unidade sonora (som da fala humana), com valor funcional, distintivo. Por exemplo, o som /f/, em português, é diferente, distintivo, em relação ao som /v/: em *faca/vaca*, só há uma permuta sonora entre /f/ e /v/ para se ter uma palavra com outro sentido.

Letras

Elemento (símbolo) gráfico empregado para o registro de segmento da voz humana. Esse elemento gráfico corresponde ao que designamos por **letra** do alfabeto que usamos para escrever.

Galego

Natural da Galiza, região hispânica ao Norte de Portugal. O galego-português caracteriza um primitivo dialeto do Norte da Hispânia, de onde se originam as línguas românicas atuais: o galego e o português.

nas palavras intercaladas (e soltas) em textos redigidos em latim bárbaro;

d) português arcaico – modalidade que vai de princípios do século XIII (mais ou menos 1211) até a primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente;

e) português moderno que se estende da segunda metade do século XVI até os dias atuais.

A essa divisão, periodização, vamos acrescentar a sugestão do professor Celso Cunha, assim, formulada:

Parece-nos particularmente aconselhável distinguir duas épocas no período compreendido entre o século XIII e a primeira metade do século XVI: uma, a do português arcaico propriamente dito, que abarcaria a língua dos séculos XIII e XIV; a outra, a do português médio, que iria do século XV a fins da primeira metade do século XVI e representaria a fase de transição entre a antiga e a moderna do idioma.

Vimos, na classificação apresentada acima, que as três primeiras fases históricas da língua portuguesa (a fase do latim hispânico, a fase do romance lusitânico e a fase do português proto-histórico) cobrem um vasto período que vai desde a chegada dos romanos na Península Ibérica (218 a.C.), passando pelo século V d.C., com as grandes invasões germânicas, pelos séculos seguintes, durante e após o domínio de 711, até alcançar o desenrolar do século XII.

Nesse longo espaço de tempo, com manifestações históricas, culturais e lingüísticas diversas, não há documento que possa comprovar (ou testemunhar) a natureza das modalidades de língua falada aí dominante. Aliás, vários estudiosos da história do português são unânimes em afirmar que até mesmo após o domínio dos muçulmanos na Península, a língua latina (o latim) segue sendo a língua de prestígio em todo o solo peninsular.

Somente a partir do século IX (882, mais precisamente) é que se indica (se registra) um marco digno de atenção e referência que se acha inserido em um dos documentos mais antigos dessa fase,

conhecido como a escritura (portanto, trata-se de um texto forense) da fundação da igreja de **Lordosa**, escrito em latim bárbaro, mas com um vestígio curioso que se refere ao registro de uma palavra grafada foneticamente como “moástica”, em vez de “monástica”. Acusando, pois, a incidência de fenômeno fonético (síncope, isto é, a perda do /n/ medial) que será, posteriormente, um amplo fator de mudança fonética, com vários testemunhos escritos, revelando as alterações ocorridas na passagem do latim para o galego-português e deste para o português.

Nos começos do século XIII, Portugal já se constituía um reino autônomo e um território quase inteiramente “reconquistado”, com a expulsão dos invasores árabes. A fronteira levantada, no século XII, para separar a Galiza de Portugal, estava, agora, definitivamente consolidada. E o novo reino independente de Portugal se estendia para o Sul até atingir a região de Faro (1249), que corresponde aos limites do território português atual.



Sé de Viseu, Portugal (Fonte: <http://farm1.static.flickr.com>).

Assim, o centro de gravidade, a princípio localizado em Guimarães, no extremo Norte de Portugal, transfere-se para o Sul, frequentando, de preferência, Coimbra (libertada dos mouros em 1064), para se instalar em Lisboa (em 1255), como capital definitiva do País, situada que está em plena zona moçárabe.

Então, desde as últimas décadas do século XII, com a formação de cortes senhoriais e maior complexidade da corte régia, a

Lordosa

Povoação do concelho de Viseu, região e cidade ao Norte de Portugal.

Cantigas

São os mais antigos documentos literários portugueses de que dispomos para mostrar o nível de língua literária cultivada nessa fase histórica. As espécies de cantigas eram: a) cantigas de amigo – o trovador (poeta) expressava, pelos lábios da mulher amada, quase sempre solteiro, os sentimentos que supunha ela lhe dedicar (há várias modalidades de cantigas de amigo); b) cantigas de amor – o trovador exprimia seus sentimentos amorosos pela dama cortejada, a quem consagra amor platônico (ideal), falando em seu próprio nome (há também diversas modalidades de cantigas de amor); c) cantigas de escárnio – são as que o trovador diz mal de alguém veladamente, isto é, sem revelar o nome da pessoa visada, usando expressões irônicas e ambíguas; d) cantigas de maldizer – nelas, os trovadores falam mal de alguém abertamente, nomeadamente, às vezes até em tom ou atitude humorística.

Provérbios

Máximas (frases) de sabor popular que expressam um conteúdo moralizante ou morigerador.

produção cultural nobre, margeando a tradição da cultura popular oriunda dos meios rurais do Norte, manifestada, sobretudo, em contos, fábulas e **provérbios**, diversifica-se, ao mesmo tempo em que possibilita o surgimento da poesia lírica, da poesia satírica e de escárnio ou maldizer, das **cantigas** de amigo e de amor e das narrativas de proezas, façanhas, dos antepassados, imortalizadas em obras como “El Cid”, “Rolando”, “Infantes de Lara”, “Cerco de Zamora” ou a **gesta** de “Afonso Henriques”.

Essas e outras obras da época testemunham a presença de um nível de língua literária escrita sobreposta às variações regionais das modalidades faladas. É esta a realidade lingüística que vai permitir que, no início do século XIII, sob o reinado de D. Dinis, a Chancelaria régia adote o Português como língua escrita oficial do reino. Dessa prática oficial, dão testemunhos, pelo menos, dois do-



Aparelho fonador (Fonte: <http://www.radames.manosso.nom.br>).

documentos célebres escritos em português: “O Testamento de **Afonso II**” (de 1214) e a “Notícia de Torto” também da mesma data.

A análise desses dois documentos antigos tem permitido observar duas tradições diferentes. Em a “Notícia de Torto”, que representa um esforço de notários isolados (**documento forense**) para produzir uma escrita a partir do uso do sistema gráfico latino, de base rigorosamente próxima dos sons que são ouvidos pelo

escriba (escrita fonética). Já “O Testamento de Afonso II”, documento produzido num ambiente régio, portanto, mais controlado e mais rigoroso, atesta a existência de escolhas e convenções mais niveladas, estáveis, que prenunciam a constituição de normas gráficas já em uso.

Ao lado dessa documentação, em prosa, florescia a produção poética galego-portuguesa vertida no que se denominou de língua dos travadores que representava uma estilização da língua falada, naturalmente, uma forma de expressão escrita diferenciada da linguagem dos notários.

A título de exemplificação, vejamos algumas diferenças entre os usos gráficos nos dois documentos citados acima. Em “Notícia de Torto”, por exemplo, a palavra “quinhão” (do latim *quinione*) aparece grafada como “quinõ”, “quiniõ” e “quinnõs”, o que revela a hesitação do escriba no referido registro gráfico. Em “O Testamento de Afonso II”, as palavras “senhor”, “tenho” e “junho” são grafadas: “sênior”, “tenio” e “junio”. Nestes exemplos, a palatal nasal /nh/ atual revela uma escolha única para grafia escrita /ni/, enquanto que em “Notícia de Torto”, a variação é visível /nõ/, /ni/ e /nõs/.

Gesta

Poemas épicos (heróicos) da Idade Média que se apresentam em ciclos como o carolíngio, o arturiano e outros também conhecidos como romances de cavalaria.

Documento forense

Documento cartorial, de tabeliães ou notários, do fórum, da justiça.

Afonso II

Rei de Portugal (1185-1223), pertencente à casa de Borgonha. Abriu aos lusitanos o caminho para a conquista do Algarve.

V eremos mais adiante, sobretudo, nas duas aulas seguintes, que o caráter românico da língua portuguesa é amplamente atestado no campo do **léxico**, da **fonética**, da **morfologia** e da **sintaxe**.

CONCLUSÃO

Aos poucos, estamos fornecendo informações que se ampliam em outras aulas sobre a incidência de transformações fonéticas na passagem do romance ibérico para o

galego-português e deste para a língua portuguesa autônoma.

Esses fenômenos fonéticos (**metaplasmos**) comuns na fase de transição do latim vulgar para todas as línguas românicas, como vamos constatar, datam da época primordial de constituição dessas línguas, nomeadamente da língua portuguesa, que recebe, durante o processo de formação do seu léxico, diferentes contribuições lingüísticas, nos diversos empréstimos lingüísticos que contrai no percurso de elaboração de sua história literária e cultural.

Léxico

Conjunto de vocabulário de uma língua. Constitui o elemento mais instável de uma dada língua, daí a sua constante mobilidade.

Morfologia

Estudo da parte formal das palavras (as formas que as palavras assumem numa dada língua), isto é, a estrutura e a flexão das palavras.

Fonética

Disciplina do campo da Acústica que estuda e classifica todos os sons produzidos pelo aparelho vocal humano (aparelho fonador): das consoantes às vogais e suas correspondentes variações regionais e sociais.

Sintaxe

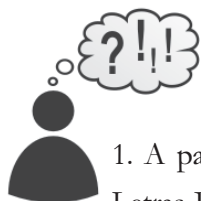
Parte da gramática que estuda as palavras (suas relações) formando frases.

RESUMO



Em linhas gerais, como podemos acompanhar, a formação da língua portuguesa nos remete ao século III a. C., com as primeiras lutas entre romanos e lusitanos. Seguem-se períodos históricos que nos permitem distinguir fases de evolução do português como: a) a fase do latim hispânico; b) a fase do romance lusitânico; c) o português proto-histórico; d) o português arcaico; e) o português moderno. Todas essas épocas com peculiaridades já por nós comentadas em aulas anteriores e nesta que agora concluímos. Algumas das características lingüísticas dessas fases se tornam difíceis de evidenciar pela falta absoluta de documentação escrita que permita ao estudioso (filólogo) revelar, com segurança, o percurso evolutivo do que, depois, resultou na língua portuguesa. Só a partir do

século XII é que os testemunhos escritos de multiplicam, permitindo não só caracterizar a passagem do latim vulgar (hispanico) para o galego-português, mas também evidenciar a separação entre o galego e o português, em sua plena autonomia e domínio na faixa peninsular que lhe cabe.



ATIVIDADES

1. A partir desta aula, o que significa para mim, como estudante de Letras-Português, o grupo lingüístico denominado galego-português?
2. Indique, pelos menos, dois fatores sócio-históricos determinantes da separação entre o galego e o português.
3. Pesquise, a partir da bibliografia indicada, três exemplos lingüísticos que já se revelam ser da língua portuguesa autônoma, entre os séculos XII-XIII.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembrem-se que o galego-português era um falar que se estendia por dois espaços geográficos ibéricos: Galiza e Portugal que pertenciam ao domínio de Castela. A separação de Portugal do reino de Castela vai implicar a cisão entre o galego e o português.

Metaplasmos

Mudança de forma de uma palavra ao longo de sua evolução histórica. A forma alterada constitui uma variante como em “monástico” e “moástico”.

PRÓXIMA AULA



Na próxima aula, você conhecerá os fatores lingüísticos na formação do léxico português.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de. **História antiga e medieval**. São Paulo: Ática, 1977.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Histórica e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Padrão Editora, 1975.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.
- LOYN, H. R. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- SARAIVA, José Hermano. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Coleção Europa-América, 1983.